

Perante a secura antropológica, o diálogo intercultural como fonte da água que mata a sede¹.

Joaquim Azevedo²

Introdução

Felicitto-vos por este vosso encontro de escolas católicas, vindos de vários cantos da Europa, para pensar em conjunto o ensino católico. Essa é uma missão muito, mas mesmo muito importante.

Proponho-vos uma breve reflexão em torno de duas questões. A primeira é a seguinte: nos tempos que vivemos, na cultura em que estamos imersos, deve haver um lugar para a religião e para o ensino católico, ou isso é uma coisa do passado, uma moda dos antigos, que já devia ter sido ultrapassada? Na cultura atual, deve haver espaço para a religião?

A segunda questão é esta: a escola católica deve ser mais uma escola ou uma escola diferente, radicando essa diferença no seu fundamento, Jesus Cristo? O que é que quer dizer ser uma escola católica? É algo mais do que um “ar que se respira” e da conquista de um bom lugar nos “rankings”?

Um tempo de secura antropológica extrema

Em Dezembro de 2013, a Congregação para a Educação Católica publicou um documento orientador intitulado: *“Educar para o diálogo intercultural na escola católica. Viver juntos para uma civilização do amor”*. Esta é, sem dúvida, uma proposta pertinente, atual e muito exigente, que desafia as escolas católicas de todo o mundo.

Existem neste momento cerca de 58 milhões de alunos em escolas católicas, em muitos lugares da Terra. A sua ação é de enorme relevância e a sua responsabilidade não é pequena, se atentarmos na especificidade da sua missão.

Em Portugal, não existe uma presença muito significativa, como em França ou na Alemanha, de populações oriundas de outros continentes, culturas e credos. Os católicos são ainda muito maioritários e as escolas católicas, que abarcam cerca de 9% dos alunos portugueses, durante o ensino básico e secundário, são ainda, em geral, pouco confrontadas com a diversidade de religiões no seu seio. No entanto, a diversidade de culturas e as grandes desigualdades sociais existentes neste pequeno país constituem um enorme desafio à educação e, em particular, às escolas católicas. Cerca de 25% dos jovens não conclui o ensino secundário (doze anos de escolaridade) o que representa um travão à democratização social e à igualdade de oportunidades.

A questão da diversidade cultural dentro da educação escolar é, no entanto, mais vasta e profunda.

É preciso sermos claros e falarmos sem medo: vivemos, na Europa, um clima cultural em que se pretende eliminar da cultura dominante, e por isso do espaço público, qualquer dimensão transcendental, qualquer pertinência da referência às questões humanas profundas sobre a vida e a morte, sobre o seu sentido,

¹ Comunicação apresentada na abertura dos trabalhos do Encontro Europeu do European Committee for Catholic Education, no Porto, em Fevereiro de 2015.

² Professor da Universidade Católica Portuguesa/Porto e Centro de Estudos do Desenvolvimento Humano/CEDH (jazevedo@porto.ucp.pt).

sobre o bem e o mal, impedindo qualquer expressão religiosa pública (empurrando-a, por isso, para uma coisa privada e sem necessidade nem possibilidade de expressão pública).

Todavia, sabemos que as experiências religiosas detêm um enorme valor no seio das culturas, como ninho e fonte onde se vivem e equacionam as mais profundas inquietações humanas, contribuindo para que os seres humanos se compreendam a si mesmos e aos outros, aprendam a respeitar-se mutuamente e a viver juntos e em paz.

Questões como estas: quem sou eu? Qual o sentido da minha vida? Que posso eu fazer diante de tanta desorientação em que se vive? Porquê tanto mal e o seu aparente triunfo em tantas guerras e atentados, desde a Síria ao Quênia, desde os atentados de Nova York aos de Paris, desde a Crimeia ao Afeganistão. Porquê?

Em Portugal, a tradição cultural católica tem contribuído para impregnar positivamente a história do país e as opções dos portugueses, infundindo-lhes importantes valores humanistas como os da promoção do bem comum, da solidariedade e da dignidade de todos e de cada um dos seres humanos.

Hoje, já não vivemos nem os tempos da dependência entre a Igreja e o Estado, nem os tempos da “cristandade”. Assistimos, ao longo dos três últimos séculos, a uma progressiva e positiva separação entre o Estado e as Igrejas, bem como a uma crescente secularização das culturas. Mas também é verdade que da laicidade, princípio alcançado com o esforço cultural de muitos e ao longo de vários séculos, se progride hoje muitas vezes para o laicismo, ou seja, para um ambiente cultural onde não há lugar para a dimensão religiosa da existência, onde se estimula a confrontação e a “guerrilha” ideológica e se cava uma clivagem baseada nas diferenças culturais, onde se acentua a secura antropológica dos propósitos sociais e políticos, onde se promove um diálogo humano e social centrado sobre o supérfluo e o espetacular, numa cultura que perde as referências em torno do sentido da vida e do que nos une como seres humanos, seres de relação e que procuram ansiosamente viver juntos e em paz.

Esta secura anda a par com os investimentos, cada vez mais nevrálgicos, quer da investigação científica quer das grandes empresas multinacionais ligadas à comunicação e às tecnologias da informação, na robotização de toda a atividade social e de muita da atividade humana, procurando vencer todas as lacunas, os defeitos, as falhas, as doenças e, no limite, a morte. Esta secura é ainda provocada pela adoção de modelos de desenvolvimento económico baseados na exploração dos mais pobres e indefesos e pela busca insaciável do lucro, como se este fosse o mais importante dos valores sociais e humanos. Esta secura toma mesmo conta da política, liofilizada pela economia financeira e despida cada vez mais da axiologia que a ergueu no espaço público, centrada na dignidade humana, na solidariedade e no bem comum.

Diante desta secura é muito urgente termos consciência do inestimável valor da educação e, em particular, da escola católica, pois é urgente percebermos esta como uma fonte, um poço onde se pode ir beber e matar muita desta sede. Ao lado e até dentro de muita corrupção e miséria, existe muita vida e esperança, pois o Espírito Santo não cessa de trabalhar, semeando sementes de amor, esperança e alegria.

O diálogo intercultural e o ensino católico

É em torno destas mesmas premissas que o ensino religioso tem um importante lugar nas nossas sociedades, na medida em que a educação tem a responsabilidade de “*transmitir aos sujeitos a consciência das suas próprias raízes e oferecer-lhes pontos de referência que lhes permita encontrar a sua situação pessoal no mundo*” (JPII, “Diálogo entre as culturas para uma civilização do amor e da paz”, mensagem para o dia mundial da paz, em 2001, nº 20). O ser humano, cada criança e jovem das nossas escolas deve, pois, não apenas ser profundamente respeitado na “procura da verdade do seu próprio ser”, como ser apoiado pelos pais e pelos professores para ser capaz de crescer e se *des-envolver* (revelar-se na sua natureza única e irrepetível) na sua plenitude e na sua verdade única e eterna, com uma vocação própria e capaz de nos revelar, de modo ímpar, o seu Criador.

O diálogo intercultural tem na educação um importante esteio: nas nossas escolas pode e deve crescer-se quer em conhecimento quer em atitudes e comportamentos que favoreçam a emergência da imensa humanidade que nos habita, proporcionando a sua manifestação em todo o seu esplendor, ou seja, em múltiplas dimensões, expressões, sinais e símbolos, espaços e tempos.

O modo específico de cada ser humano existir e revelar-se, isso é a cultura (JPII, Discurso na Unesco, 1980, nº 6); se prescindimos desta manifestação da humanidade dos seres humanos, que são os nossos alunos, estamos a amputar os mesmos seres humanos da possibilidade de o serem realmente, repudiando a sua cultura e transformando-os em seres fechados sobre si próprios, condenando-os ao individualismo, fazendo deles verdadeiros e eficazes consumidores de uma economia profundamente injusta. Consumidores desde logo de uma “cultura dominante” e do “politicamente correto”, compradores passivos (de preferência sentados no sofá) de uma cultura que é estranha ao ser humano, divulgada pelos media e praticada no *zapping*, de uma cultura que não tem lugar para nós, mas que nos habituamos a consumir *apesar de nós*, abdicando de cada um nós e da nossa riqueza humana,

O ser humano é essencialmente um ser relacional, que só se revela no encontro e que só se *des-oculta* na relação, a começar na relação com os pais e os professores. É o amor que nos torna pessoas amadas e, por isso, prontas a amar; realizamo-nos pelo amor e numa fraternidade que só faz sentido sendo uma fraternidade universal, que envolva todos e cada um dos seres humanos, referidos todos a um mesmo Pai. O amor, de facto, é o método e a finalidade da vida (CEC, “Educar para o Diálogo...nº 41).

As escolas são ambientes culturais onde há pessoas que crescem, portadoras do direito e do dever de crescerem “em sabedoria e em graça”, não ambientes onde as culturas se digladiam ou apenas se suportam, mesmo que, em termos politicamente corretos, pratiquemos a “tolerância”.

.+.+.+.+.+.+.+.+.+.+.+.+.+.+.+.+

Sobre isto, deixo-vos uma breve nota.

Cuidado com a tolerância que vos ensinam: ela representa, muitas vezes, apenas um modo “elegante” de cada um continuar fechado sobre o seu mundo, sem comunicação, na indiferença e no desamor.

De facto, como diz D. António Couto, se o exercício da liberdade consistisse em «não prejudicar», em não fazer mal aos outros, então bastaria cada um abster-se de fazer o que quer que seja para se cumprir esta orientação para a vida. Ora,

esta mesma forma de vida “*é fácil de praticar: basta eu não me importar com os outros. Como diz este bispo e teólogo português “é urgente substituir o velho aforismo burguês e anestesiante, segundo o qual «a minha liberdade acaba onde começa a liberdade do outro», pelo implicativo e sempre inquietante «a minha liberdade começa onde começa a liberdade do outro. (...) “A nossa liberdade, [na verdade], é bem mais do que isso: é a liberdade de escolher fazer o bem. É uma liberdade que implica os outros, pois é para eles e a começar pelos mais desprotegidos, sem voz, caídos no caminho, que a minha liberdade se encaminha. Não há outra liberdade que seja realmente humana.”*

O culto da tolerância pode significar o culto do desamor. Para não fazermos mal aos outros, para os tolerarmos na sua imensa diversidade, basta não os amarmos, é suficiente mantermo-nos fechados sobre nós, centrados sobre nós e os iguais a nós. Quando saímos do nosso caminho e, como o samaritano, nos implicamos com os outros, aí sim começa a nossa liberdade e a nossa alegria!

.+.+.+.+.+.+.+.+.+.+.+.+.+.+.+.+

Na verdade, a pessoa humana, cada pessoa humana, está no centro da educação e esta visa a sua plena expansão, num ambiente cultural de compreensão das diferenças, de reconhecimento do ponto de vista do outro e no respeito por ordens morais diversas, num quadro de igualdade e de liberdade de cada um e de todos os seres humanos; a escola deve promover sempre o bem de cada um, numa comunidade de procura do bem comum (o bem de cada um e o bem de todos).

A educação a das escolas católicas deve ser uma educação diferente?

O amor, à luz do mistério trinitário de Deus, é o cimento mais forte da educação. Não apenas um amor que nos catapulta para o respeito por cada outro e para a promoção do seu crescimento, mas também e sobretudo um amor como dom, gratuito, como dádiva, recebido e dado (CEC, 2013, nº47).

O primeiro a derramar o amor na escola tem de ser o educador e o dirigente, criando ambientes estimuladores ao desenvolvimento humano de todos e de cada um dos alunos.

É disto mesmo que a escola católica deve ser testemunho, evitando assim o caminho da promoção da competição e da rivalidade contínuas, que se prolongarão depois para o resto da vida e no contexto social mais alargado (e mais degradado).

Neste contexto, as escolas católicas têm uma responsabilidade muito particular. Elas podem e devem contribuir de modo muito próprio para este diálogo intercultural, de modos diversos e consoante os contextos; mas sempre atenta de modo a não perder, sob pretextos vários, as razões da sua existência e a sua matriz cristã.

Trabalho com muitas escolas, estatais e privadas, confessionais ou não. As escolas católicas, na sua maioria, são escolas iguais às outras. A sua “inspiração” católica anda bastante perdida ou no nome da instituição ou no “ar que se respira” ou ainda num ou outro crucifixo pendurado nas paredes. De resto, pratica-se um modelo de ensino, inscrito num modelo educativo e pedagógico que segue a matriz mais ou menos acéfala de qualquer escola pública estatal (Estado que, em Portugal, por imperativo constitucional, não pode programar a educação sob qualquer filosofia, ética ou religião).

De facto, as escolas católicas resvalam com alguma facilidade para a indiferença, com justificações muito claras: a imposição estatal de normas e regras, a necessidade de as cumprir exemplarmente, as imposições das famílias, ... Outras há que, tendo nascido como escolas católicas, dirigidas pelos seus e suas fundadores e fundadoras para o acolhimento e para a educação dos mais pobres, perderam totalmente essa sua matriz e hoje transformaram-se em escolas extremamente elitistas, modelo para onde, dizem, foram “empurradas” pela procura social de um ensino de qualidade ou pelos modelos injustos de financiamento (sim, de financiamento injusto da escolaridade obrigatória, que é universal e gratuita).

O problema, no limite, não estará na atual existência destas escolas elitistas, mas no facto de haver escolas católicas que se perderam em termos de identidade, andando à procura de “resultados” construídos de costas voltadas para os valores do humanismo cristão e da caridade evangélica.

Num contexto cultural tão consumista e acrítico, onde a religião tende a ser banida do espaço público, em sociedades reguladas pela competição e pelo individualismo, os projetos educativos inspirados no Evangelho precisam de se afirmar sobretudo embebidos sua identidade matricial, a pessoa de Cristo. A escola católica deve ser um testemunho claro e inequívoco, para o interior e o exterior, da presença cristã missionária na realidade de hoje, uma realidade plena de pequenos sinais de esperança, a começar na disponibilidade dos nossos alunos para o amor como dom e como solidariedade ativa.

Uma escola católica é uma instituição educativa dialógica, aberta à pluralidade e às diferenças, que acolhe todos e a cada um promove, até ao máximo dos seus talentos, inteligências e “capabilidades”, por isso mesmo se afirma que *“a escola católica é, pela sua própria vocação, intercultural”* (CEC, 2013, nº 61).

O horizonte em que se pratica este diálogo na escola católica consiste numa valorização da alteridade - o outro e a sua cultura, a humanidade e a riqueza da sua diversidade, o mundo e a sua heterogeneidade - como o melhor caminho para a redescoberta e desenvolvimento harmonioso da identidade. Este horizonte pode ser muito potenciador de uma cultura escolar que valorize a capacidade crítica e autocrítica, bem como a responsabilidade, a participação cívica e o compromisso com os demais, as ações educativas que envolvem o compromisso com os mais pobres e abandonados das comunidades onde as escolas se inserem.

Uma escola católica fechada sobre si mesma, em que os seus alunos não se abrem ao mundo e aos que mais precisam de atenção e hospitalidade, pode cumprir o seu papel “escolar”, pode até estar colocada entre as melhores em “rankings” nacionais, mas não cumpre a sua missão identitária, que tem em Cristo o fundamento do seu projeto educativo.

Não é fácil, não é mesmo nada fácil, às escolas católicas, criadas num contexto de maioria católica e de muito pouca secularização, manterem o seu perfil específico numa sociedade como as nossas, na Europa, no início do século XXI. Mas uma coisa é não ser fácil, outra é não estarmos a caminhar nesse caminho!

É mesmo necessário e urgente redescobrir a missão das escolas católicas hoje, o que significa, entre outras coisas: (i) um processo longo, que implica tempo e persistência, que deve envolver todos, nomeadamente os professores e os alunos, os pais e as famílias, e que deve seguir um rumo muito claro e determinado; (ii) requer a criação de instâncias de diálogo e *re-descoberta* da

identidade católica entre professores, no âmbito de uma formação contínua especializada; (iii) requer a criação de “projetos de redescoberta da missão”, com várias vertentes, entre elas a “formação humana” dos alunos nos valores e com os valores cristãos, o apoio à descoberta da verdadeira “vocação” humana de cada uma e de cada um dos alunos e o apoio à sedimentação de competências e comportamentos como a dádiva aos mais necessitados, a caridade, o respeito mútuo, a capacidade crítica, a honestidade, a pró-atividade, a confiança, a esperança, a capacidade de resolução dos problemas dos que mais precisam; ...

Talvez nos faltem cuidados espaços de partilha entre dirigentes e professores de escolas católicas, prontos a ouvirem-se mutuamente e a escutarem as vozes do mundo atual e os desafios que se colocam ao crescimento e *des-envolvimento* das crianças e dos jovens, tendo em vista a assunção de um compromisso novo com a comunidade educativa e com a missão da Igreja. Talvez nos façam faltam redes de entreajuda, em torno da riqueza dos diferentes carismas!

Qual é a “qualidade educativa” que nos interessa? Qual é a vantagem acrescida para as famílias na escolha de uma escola católica? E para os jovens? As perguntas ecoam e as respostas escasseiam.

Já agora: estas inquietações são em grande medida as mesmas que percorrem as escolas públicas estatais.

Participantes da missão de salvação de Cristo e da sua Igreja, as escolas católicas não podem dizer não à sua missão específica, mesmo que o nevoeiro seja imenso e que nos faltem por vezes as forças. Uma coisa temos por certa: Deus nunca nos faltará!

Porto, fevereiro de 2015.